

**SERVIÇOS E PROGRAMAS DE SAÚDE MENTAL DISCENTE:
ACESSO, INFORMAÇÕES E OFERTA EM SITES DE INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE
ENSINO SUPERIOR**

*Moises Romanini **

*Laura Oporto Gumucio ***

RESUMO: Os sites institucionais das universidades são ferramentas importantes para que os estudantes acessem as informações referentes à instituição. Espera-se que as informações distribuídas nos sites sejam de fácil acesso e contemplem informações completas. Considera-se o cuidado com a saúde mental discente um assunto muito importante, mas pouco explorado e/ou investido. Esse estudo tem por objetivo problematizar e discutir os serviços de saúde mental discente encontrados através das informações apresentadas nos sites institucionais das universidades e avaliar a facilidade de acesso às informações. Foram escolhidas 11 universidades federais da região sul do Brasil por amostra de conveniência, sendo uma pesquisa qualitativa na qual foi utilizado o método descritivo e interpretativo com o auxílio da etnografia virtual para construção dos dados. Ao longo da pesquisa, percebeu-se uma dificuldade em encontrar informações sobre o suporte à saúde mental e a informações completas sobre os serviços estudados. Durante o estudo, houve o questionamento sobre a necessidade de pensar a saúde mental discente além do viés biomédico centralizado em dificuldades cognitivas e/ou possíveis adoecimentos no meio acadêmico. Existe uma urgência de criar propostas de prevenção e promoção à saúde mental universitária ampliando os campos de atuação do psicólogo escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental; Ensino Superior; Instituições de Ensino Superior; Psicologia Escolar.

**STUDENT MENTAL HEALTH SERVICES AND PROGRAMS: ACCESS, INFORMATION AND
OFFERS ON SITES OF FEDERAL HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS**

ABSTRACT: The institutional websites of universities are important tools for students to access information regarding the institution. It is expected that the information distributed on the sites should be easily accessible and containing complete information. Care for students' mental health is considered a very important subject, but little explored and/or invested in. This study aims to problematize and discuss the student mental health services found through the information presented on the institutional websites of universities and to evaluate the ease of access to information. Eleven federal universities in the southern region of Brazil were chosen by convenience sample, being a qualitative research where the descriptive and interpretive method was used with the help of virtual ethnography for data construction. Throughout the research, a difficulty in finding information about mental health support and complete information about the studied services was noticed. During the study, there was a question about the need to think about student mental health beyond the biomedical bias centered on cognitive difficulties and/or possible illnesses in the academic environment. There is, thus, an urgent need to create proposals for prevention and promotion of university mental health, expanding the fields of action of school psychologists.

KEYWORDS: Mental Health; University education; Higher education institutions; School Psychology.

* Doutor em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Professor Adjunto e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. E-mail: mromanini@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3288-4763>

** Graduada no Curso de Psicologia da UFRGS, Psicóloga Clínica. E-mail: oportto476@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8819-0803>

Introdução

O ingresso na universidade é a entrada, de certa forma, a um novo mundo, pois é o início de uma trajetória frente ao desconhecido com várias expectativas e anseios em relação ao futuro e sobre o que este pode trazer a partir desta experiência. “A entrada na universidade gera grande expectativa não somente para o estudante, mas também para as pessoas que o rodeiam, chegando com ilusões ingênuas e pouco realistas sobre o que realmente envolve esta mudança” (ALMEIDA; SOARES, 2003, p.18).

Nesta nova caminhada, o estudante universitário se depara com novos desafios que atingem diferentes áreas da sua vida. Acontecem câmbios na vida pessoal, muito diferentes do que estava acostumado anteriormente, que fazem parte de processos necessários para poder se adaptar à nova realidade. Nesta transição há exigências tanto fora como dentro da instituição, como mudança de cidade, troca ou enfraquecimento de laços sociais, nova perspectiva de vida, busca de emprego, nova organização para as novas demandas, adequação a uma metodologia de ensino, comprometimento ao mundo acadêmico. (MARTINCOWSKI, 2013; LACERDA, 2015).

Estas mudanças podem afetar de forma negativa a saúde mental dos estudantes, “gerando conflitos, inseguranças e preocupações que acabam aumentando o nível de ansiedade, depressão e estresse” (JARDIM; CASTRO; RODRIGUES, 2020, p.646). Neste período, o estudante universitário também vai perceber mudanças na organização e planejamento das atividades, vai se encontrar com as próprias regras e liberdades acadêmicas dentro do seu próprio processo de aprendizado, tendo que encontrar estratégias de estudo, aprendizagem, administração do tempo, entre outros. O estudante pode se reconhecer e encontrar em outros lugares que não se via antes, gerando tanto conforto quanto inseguranças. Novas habilidades e responsabilidades pessoais e sociais serão cobradas dele mesmo e existirão processos internos necessários a ser modificados neste processo. Como colocado por Coulon (2008) citado por Peretta, Oliveira e Lima (2019),

Os jovens entram na instituição como “demandantes” ao Ensino Superior e vão se constituindo enquanto estudantes ao se depararem com rupturas e transformações de várias ordens: na vida acadêmica, de cunho afetivo, nas formas de se relacionar com o saber e com aqueles que os circundam. Ademais, compreende-se que se trata de uma época de aumento da autonomia, das responsabilidades e exigências, na qual há períodos de (in) definição profissional, pessoal e política. (p.2) (COULON apud PERETTA; OLIVEIRA; LIMA, 2019, p.2).

Estes primeiros contatos com a Universidade, com novos colegas, professores vão possibilitar a existência de trocas; trocas de experiências, pensamentos e ideologias que possam fazer questionar a própria identidade e iniciar um processo de transformação. Junto com isso vem as tentativas de adaptação para a nova rotina e assim vir a grande pressão de dar conta de tudo e o sentimento de nunca ser bom o suficiente, como colocado por Carneiro e Soares (2019, p. 19490): “falar de sobrecarga e rotina é quase inevitável quando se estuda vida universitária, pois ao longo da graduação são propostas atividades que

desafiam a percepção do estudante sobre sua própria capacidade de administrar seu tempo e suas obrigações”.

As pressões acadêmicas vão aumentando enquanto o estudante vai adentrando ao mundo competitivo da graduação, exigência em relação ao processo de formação, excesso de carga horária de estudo, somando à organização de tempo para criação dos novos vínculos sociais podendo trazer sentimento de esgotamento.

Você tem que administrar as coisas da sua família, as coisas que tão acontecendo com você e as coisas da universidade. E parece que as coisas da universidade não batem, não tem espaço pra você viver uma outra vida... Você entra na universidade e tem que ser tempo integral todo tempo, toda hora estudante - Gabi. (CARNEIRO; SOARES, 2019, p.19491).

Esse pensamento de produtividade relacionada às demandas acadêmicas pode acabar afetando a motivação, o sentimento de capacidade trazendo consequências negativas no decorrer do tempo. Seguindo essa lógica, pode-se citar a vaidade acadêmica que é definida, segundo Romanini (2021, p.57), como “o resultado do processo de valorização das próprias qualidades intelectuais, fundamentada num desejo de que essas qualidades sejam apreciadas e reconhecidas pelos outros”.

Vale salientar que a vaidade acadêmica coloca fortemente a culpabilização individual dos erros acadêmicos cometidos, responsabilizando unicamente o indivíduo sem considerar o contexto, colocado como critério fundamental da meritocracia:

A valorização do mérito e do desempenho individual e, por princípio, a competição entre todos os indivíduos, promovendo o reconhecimento dos talentos individuais, criando sistemas de avaliação que desconsideram as trajetórias de vida e os processos sociais nos quais estamos inseridos. Assim, o indivíduo torna-se o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso (BONETO et al. 2006, p 110).

O estudante sente a pressão de ter que dar conta de tudo para poder cumprir as expectativas impostas, para poder ser reconhecido e se sentir realizado, sem perceber o deterioramento da sua saúde neste processo.

Nas universidades, afetadas pela lógica produtivista e a cultura da alta performance, os sujeitos estão expostos, constantemente, à possibilidade do fracasso. Juntem-se a isso as autocobranças para alcançar patamares exigidos (e desejados), homens e mulheres terminam por tornarem-se cúmplices deles mesmos, num processo deletério de seus modos de sentir, pensar e agir, não vendo sentido no que fazem. (MACEDO, 2018, p. 269).

Dentro da universidade há a necessidade de pensarmos na qualidade de vida e como a falta dela afeta o desempenho acadêmico dos estudantes. Segundo a Organização Mundial da Saúde, podemos pensar como qualidade de vida a “percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e

preocupações” (SEIDL; ZANNON, 2004, p.583). “Envolvendo o bem estar espiritual, físico, mental, psicológico e emocional, além de relacionamentos sociais, como família e amigos” (Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde, 2013).

O ingresso e a permanência na universidade geram uma quebra de realidade nos primeiros contatos, pois várias expectativas idealizadas são frustradas ao longo da experiência com a vida acadêmica e gera grandes momentos de desconforto e desmotivação “contribuindo para que os universitários sejam uma população vulnerável a transtornos mentais” (GUTIERREZ et al, 2021, p.201), refletindo na qualidade de vida destes estudantes e, por consequente, no seu desempenho acadêmico. “Os estudantes tendem a manifestar algum transtorno durante sua vida acadêmica, sendo o de ansiedade o mais recorrente” (JARDIM; CASTRO; RODRIGUES, 2020, p.645-646).

Lacerda (2015) aponta uma relação entre má qualidade de vida, sobrecarga de atividades e depressão. Há outras pesquisas que mostram a relação da presença do sofrimento psíquico com as situações novas pelas quais o estudante universitário está passando como as transformações biopsicossociais, mudança de rotina, rede de apoio enfraquecida, construção de vínculos frágeis; somando as atitudes competitivas do meio acadêmico, a sobrecarga, alta autocobrança, pressões institucionais; acabam aumentando os momentos ansiogênicos e o sentimento de serem totalmente responsáveis pelo seu baixo rendimento e/ou fracasso (BASTOS et al. 2019; MACEDO, 2018).

Assim adentramos no tema da saúde mental do estudante e a importância de considerar o contexto no qual se encontra para falarmos do tema, já que é necessário entender em qual contexto o estudante está inserido e quais as dificuldades que apresenta fora do meio acadêmico. Dificuldades como se o estudante possui uma rede de apoio próxima ou fora da universidade, já que muitos enfrentam a mudança de cidade para cursar o ensino superior e, em vários casos, acontece o afastamento das amizades antecedentes ao ingresso da faculdade como outras quebras de vínculos afetivos. O enfraquecimento destes laços ou a inexistência deles pode trazer ao universitário um sentimento de solidão e incertezas para poder lidar com a vida acadêmica, o que virá afetar nas emoções negativamente a partir daquele momento.

... a ausência de uma linguagem saudável que ajude o universitário (ou qualquer membro da comunidade acadêmica) a simbolizar sua dor, possivelmente está atrelada à carência de relações interpessoais concretas, sentidas, vividas; no contexto das quais o sujeito fosse impelido a expressar essa dor. (MACEDO, 2018, p.271).

Também colocado por Macêdo (2018, p.269) “o sofrimento é um sentimento que demanda tempo e precisa ser vivido e experimentado em profundidade, para poder ser ressignificado e abrir espaço para construção de possibilidades de enfrentamento”. Porém, se este sofrimento que é vivenciado no meio acadêmico pelos estudantes não tem um espaço onde possa ser trazido com confiança e validação,

não existe a possibilidade de o sofrimento poder ser experienciado, pois ele se torna insuportável e pode chegar a ter consequências mais drásticas.

O início na universidade é um momento de vulnerabilidade onde a faculdade teria a responsabilidade de acolher e fazer deste momento mais leve e receptivo, o que poderia acabar com a evasão dos estudantes nos primeiros meses de estudo, “uma vez que se sentem solitários, confusos e deslocados e mais com as práticas pedagógicas não sendo articuladas às necessidades e experiências dos discentes” (COSTA; MARTINS; MUNDIN, 2019, p.3), o que nos faz questionar as práticas integrativas da parte das universidades. Por isso a universidade tem o dever de analisar, planejar e criar propostas que não deixem desassistidos os seus estudantes. Conforme colocado por Romanini (2021)

Uma universidade socialmente responsável é uma instituição que deve ter a obrigação e a capacidade de responder à sociedade por suas ações, omissões e impactos. E no que diz respeito à preocupação com a saúde mental de estudantes universitários, consideramos fundamentais os impactos educativos, cognitivos e sociais das ações das universidades em nossa sociedade (ROMANINI, 2021, p.87).

Há uma grande necessidade de pensarmos e analisarmos quais espaços dentro da Universidade os estudantes têm para se apoiar ao longo da vida acadêmica e poder servir de suporte para enfrentar e/ou evitar o adoecimento mental dos estudantes. Nesse sentido, considerando o exposto sobre as mudanças impostas pela entrada na universidade aos/às estudantes, bem como sobre os aspectos relativos à saúde mental dos discentes, este manuscrito apresenta e discute os resultados de uma pesquisa¹ cujo objetivo foi o de identificar e problematizar a existência de programas e/ou projetos, dentro das universidades federais de ensino superior, que possuam algum tipo de auxílio ou suporte em prol da melhoria da qualidade da saúde mental dentro do espaço acadêmico e avaliar a facilidade de encontrar tais informações.

Metodologia

A pesquisa proposta avalia a existência de programas e projetos institucionais dentro da Universidade que proporcionem, de alguma forma, suporte à saúde mental dos universitários. É uma pesquisa qualitativa, com o método descritivo interpretativo, utilizando a etnografia virtual para a construção de dados. Se entende como análise descritiva e interpretativa a elaboração de questões de pesquisa voltadas para aspectos práticos da área de conhecimento, bem como, “a entrada no campo de maneira lógica, sistemática e justificada, e a criação de uma análise de dados para que o pesquisador, com os dados, torne possível uma interpretação do contexto estudado” (ALVES et al. 2018, p.2). Dentro da

¹ Essa pesquisa está circunscrita a um projeto guarda-chuva de pesquisa-intervenção, intitulado “Saúde Mental na Universidade: problematizações acerca dos efeitos da Pandemia e do Ensino Remoto Emergencial na vida de estudantes universitários/os”, financiado pelo CNPq através da chamada CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021 – Universal 2021, processo n° 404601/2021-9.

literatura, encontramos o estudo de Mercado (2012, p.169), no qual refere a etnografia virtual como “um lugar virtual que permite um estudo detalhado das relações nos espaços virtuais, nos quais a internet é a interface cotidiana da vida das pessoas e lugar de encontro a partir das observações de campo e entrevistas em profundidade realizadas na internet”. Embora nesta pesquisa não seja utilizada a etnografia virtual como método, inspira-se nela para a construção dos dados, bem como nas pesquisas de Costa e Silva et al. (2020) e Frick et al. (2014).

Considerando que os pesquisadores possuem vinculação com uma universidade da região sul do país, foi realizada uma busca no portal do Ministério da Educação (MEC, 2022) e foram escolhidas 11 instituições federais da região sul do Brasil, sendo restringido a universidades federais que tenham como foco o ensino superior. Foi definido que o desenvolvimento deste estudo piloto escolhe a amostra por conveniência por proximidade regional da análise documental dos dados encontrados nos sites das 11 instituições, sendo 6 do Rio Grande do Sul, 2 de Santa Catarina e 3 do Paraná.

Tendo como base a pesquisa de Costa e Silva et al. (2020), foi elaborada uma planilha para coleta de dados dos sites institucionais das universidades escolhidas, com as seguintes variáveis: 1) Região; 2) Nome; 3) SIGLA; 4) Nome do Programa; 5) Link sobre ajuda para saúde mental no site inicial; 6) Acesso às informações sobre cuidado de saúde mental; 7) Informações sobre o serviço, programa ou projeto que oferece ajuda à saúde mental; 8) Página específica para o setor; 9) Ações de apoio em saúde mental ofertados; 10) Informação sobre a equipe que compõe o setor; 11) Público-alvo; 12) Formas de contato; 13) Se está vinculado à Pró-Reitoria de Assuntos estudantis e 14) Formas de solicitar o serviço ofertado.

Para a análise e discussão dos dados construídos, comparamos e problematizamos as informações coletadas relacionadas à saúde mental dentro das universidades e facilidade de acesso às informações. Conforme a resolução N° 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, essa pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética por usar documentos de domínio público, disponibilizados nos sites institucionais.

Resultados e discussão

A pesquisa documental nos sites institucionais foi realizada de forma minuciosa para poder ter acesso à maioria das informações relevantes para a pesquisa, tendo casos nos quais não foi encontrado nenhum link no site inicial que leve para alguma conexão com saúde mental dentro da universidade para discentes. Nestas situações, foi utilizada a lupa, ferramenta de pesquisa dentro do próprio site, com as seguintes especificações: saúde mental, atendimento psicológico, serviço de psicologia para tentar achar informações relevantes ao estudo.

Foram encontrados 14 programas com algum serviço de assistência em saúde mental para estudantes universitários. Foram excluídos da amostra programas e serviços oriundos de projetos ou programas de extensão coordenados por docentes das instituições; páginas de instituições meramente informativas, com dados sobre saúde mental e serviços de saúde, por exemplo; clínicas e/ou serviços-

escola de psicologia que tem como público a comunidade em geral, incluindo os/as estudantes, mas que não se caracterizam pela atenção à saúde discente na universidade; e programa e serviços oriundos de institutos com ensino básico e técnico.

Dos resultados encontrados das onze instituições de ensino superior, somente uma, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), teve no seu site inicial um acesso direto para informações sobre saúde mental dentro da universidade, embora seja um serviço de clínica-escola aberto não somente para os estudantes, mas também para toda a comunidade em geral. Importante ressaltar que as clínicas-escolas não estão sendo consideradas na pesquisa por não serem exclusivas para alunos da universidade, no entanto, é através desse link da UFSC que encontramos um programa de atendimento psicossocial somente para discentes, o “AcolheUFSC”. Salientamos que este programa foi o único entre os 14 que tem um site próprio; dentre os outros programas, a maioria são encontrados dentro do site da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (11) e os dois restantes estão vinculados à Pró-Reitoria de Graduação.

Em relação ao site inicial das outras instituições, houve uma média de três cliques para chegar em alguma informação sobre saúde mental, sendo seis o máximo de cliques e, em alguns sites, tivemos que utilizar a ferramenta de busca do próprio site pela ausência das informações. Considerando a quantidade de 3 a 6 cliques para encontrarmos alguma informação sobre assistência para a saúde mental do discente e em outros casos utilizando a ferramenta de busca dentro do site nos mostra que essas informações relevantes não são encontradas com facilidade e nem acessíveis, pois as informações estão dispersas e distribuídas em diferentes páginas ou mesmo não são encontradas, já que não há nenhum caminho através de links dentro do site.

Duas dentre as 11 instituições estudadas, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPe), proporcionam algum serviço para saúde mental, de suporte pedagógico e psicossocial, somente para alunos beneficiários dos auxílios ofertados pelas Pró-Reitorias de Assuntos Estudantis (PRAE). Segundo o Decreto nº 7.234 de 19 de julho de 2010, que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), no primeiro e segundo artigos, o PNAES tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal e entre seus objetivos estão a democratização das condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal e a redução das taxas de retenção e evasão (Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2010). Com isto fica o questionamento sobre o quanto as instituições compreendem a importância do suporte à saúde mental dos estudantes além das obrigações instituídas pela lei, bem como sobre seus limites diante de tantos retrocessos vividos no ensino superior.

Cabe ressaltar que, em dezembro de 2022, foi aprovado pela portaria 7715/2022 o Programa de Saúde e Bem-Estar Estudantil da UFRGS que inclui estudantes de graduação e pós-graduação com a proposta de promover a saúde e bem-estar estudantil, incluindo a relação com serviços para acolher questões de saúde mental. Porém, destaca-se que o programa não está sendo considerado na pesquisa por ainda ser um programa em desenvolvimento, também apontamos o fato que não foi encontrado

nenhum link ou tipo de acesso que nos leve para este programa na página da PRAE e da Pró-reitoria de Extensão (PROEXT), embora sejamos cientes que, por ser um programa novo na universidade, ainda a divulgação e formas de acesso não estejam totalmente finalizadas. Contudo, vale ressaltar que algo semelhante acontece com um site desenvolvido pelo Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde (CIPAS-UFRGS) sobre saúde mental, que traz muita informação relevante e necessária sobre o tema, mas sem um link ou caminho que leve para este site. A procura foi realizada no site inicial da universidade e nas páginas da PRAE e do próprio desenvolvedor, o CIPAS. Percebe-se uma fragilidade na construção dos espaços de informação sobre saúde mental discente através dos sites institucionais, pois existem diferentes informações que estão espalhadas em diferentes links e sublinks gerando uma maior dificuldade de acesso à informação.

Essa dificuldade de acesso à informação sobre cuidados em saúde mental nos remete à uma necessidade de criar espaços dentro da universidade que sirvam para que o estudante possa expor seus sentimentos, ou mesmo a criação de espaços e páginas virtuais que possibilitem aos/às estudantes a busca por ajuda quando necessário. Pesquisas vêm destacando processos de adoecimento entre estudantes e informações que requerem maior atenção das universidades. A pesquisa da Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), por exemplo, levantou informações sobre “o perfil socioeconômico e cultural dos graduandos das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) brasileiras”, produzindo “indicadores que permitam aos gestores monitorar as políticas direcionadas ao ensino superior, avaliar seus resultados, aprofundá-las e corrigir eventuais desvios de rota” (ANDIFES, 2018, p.9). A pesquisa contou com a participação de estudantes de ensino superior de 65 IFES chegando a um volume de um milhão, duzentos mil e trezentos (1.200.300) estudantes.

Segundo os resultados da pesquisa (ANDIFES, 2018, p.230), “o sofrimento psíquico é considerado alto nos/as estudantes universitários/as”. De cada 10 alunos, a ansiedade afeta 6; comparando as últimas pesquisas da Andifes de 2014 e 2018, ocorreu um aumento do percentual de ideação de morte e pensamento suicida; o que nos alerta sobre a saúde mental destes indivíduos e a urgência de intervenções dentro do meio acadêmico. A pesquisa da Andifes (2018, p.215-216) mostra também que o 70% dos estudantes têm renda familiar per capita de até 1,5 do salário mínimo e cerca de 25% dos estudantes precisam se locomover entre cidades para estudar e dos 75% restantes que moram na mesma cidade da sua universidade, a maioria são estudantes trabalhadores; destes estudantes trabalhadores, 75,7% trabalham até 40h e 24,3% mais de 40h. O que nos mostra que o trabalho é um fator presente na vida dos estudantes e isso exige grandes esforços para poder conciliar trabalho e estudo, também é importante salientar o prejuízo existente no alto tempo de deslocamento de alguns estudantes, pois isso reduz o tempo de estudo e disposição dos mesmos.

Dentre as formas de solicitação do atendimento oferecido nos serviços e/ou programas ofertados, verificou-se, na sua maioria, duas formas específicas de solicitação: a primeira através de e-mail, que contempla oito programas, e a segunda através de formulário online que pode ser acessado na

página onde contém as informações do programa/serviço. Cinco dos quatorze programas encontrados contém dados sobre a equipe que compõe o serviço de atendimento; dos restantes, três programas possuem informações parciais ou sem especificação e seis programas não têm nenhuma informação sobre a equipe laboral dos serviços. Com o intuito de nos aproximarmos mais das propostas dos serviços identificados, apresentamos, no Quadro 1, uma descrição sucinta dos objetivos e ações de cuidado em saúde mental a partir de informações disponibilizadas nos sites.

Quadro 1. Ações de apoio e cuidado em saúde mental discente nas universidades

	Região	Universidade	Nome do Programa	Ações de apoio e cuidado com a saúde mental
1	RS	UFCSPA	Núcleo de Apoio Psicopedagógico - NAP	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento psicopedagógico individualizado a docentes e discentes: agendamento espontâneo ou encaminhamento. - Acolhimento e Aconselhamento psicológico: triagem e encaminhamentos. - Coordenação e participação no Programa de Tutoria da UFCSPA. - Parcerias com serviços de psicologia e psiquiatria em Porto Alegre para encaminhamentos das demandas. - Parceria com os Diretórios e Centros Acadêmicos para realização de ações conjuntas para a comunidade discente. - Suporte às Direções de Curso de Graduação para resolução ou encaminhamentos de questões didáticas e/ou psicopedagógicas junto a discentes e docentes do curso. - Acolhimento às famílias dos discentes conforme demanda. - Interconsultas multiprofissionais. - Atuação em parceria com a Coordenação de Ensino e Currículo da UFCSPA.
2	RS	UNIPAMPA	Apoio Psicológico ao Estudante	<ul style="list-style-type: none"> - Durante a suspensão das atividades presenciais causada pela pandemia da COVID-19, o apoio psicológico ao estudante estava ocorrendo através de atividades on-line que visam a promoção de saúde mental, intituladas Diálogos Digitais. São ações coletivas e individuais realizadas através de videochamada, webconferência ou mesmo por e-mail, de acordo com as necessidades dos discentes. - Acompanhamento dos estudantes da instituição.
3	RS	UFPeI	PRAE - NUPADI	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento em saúde mental: ressalta-se que tais atendimentos são pontuais e não deverão gerar expectativa de continuidade, como uma psicoterapia individual. - Apoio psicopedagógico.

4	RS	UFSM	Setor de Atenção Integral ao Estudante (SATIE)	<ul style="list-style-type: none"> - Oficinas: Proposição de oficinas para a promoção de um espaço de vivência de expressões artísticas, culturais e esportivas para a comunidade universitária (dança, produção artística, plataforma cultural, autocuidado, atividades físicas e esportivas). - Acolhimento Psicológico: Escuta psicológica de acadêmicos(as) residentes da Casa do Estudante Universitário, que estejam em sofrimento psíquico. - Nenhum a Menos: Acolhimento e acompanhamento psicossocial dos estudantes desligados do Programa de Benefício Socioeconômico devido a não correspondência aos critérios de permanência previstos na Resolução 035/2015.
5	RS	UFSM	CAED - Coordenadoria de Ações Educacionais	<ul style="list-style-type: none"> - Propõe espaços de escuta às demandas de sofrimento psíquico dos estudantes, e promove ações com as unidades acadêmicas no que diz respeito à temática educação e saúde na universidade. - atendimentos breves em saúde mental, realização de grupos, rodas de conversa, palestras, oficinas, etc., bem como encaminhamentos conforme as especificidades de cada demanda.
6	RS	FURG	PRAE - Serviços de Saúde ao Estudante	<ul style="list-style-type: none"> - Atendimento Psicológico. - Atendimento Psiquiátrico.
7	RS	FURG	PRAE - Serviço de psicologia escolar	<ul style="list-style-type: none"> - Oferecemos aos estudantes de graduação e de pós-graduação serviços de escuta, espaços de expressão e diálogo e ações de prevenção e promoção de saúde mental, especialmente relativas ao cotidiano universitário. - Atuação nos processos de inclusão e acessibilidade, no assessoramento de servidores e na realização de intervenções coletivas no contexto universitário.
8	RS	UFRGS	Programa saúde - PRAE	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento e orientação em saúde mental. - Acompanhamento Psicopedagógico. - Somente para alunos de graduação com benefício PRAE, exceto em mobilidade acadêmica e estudante PEC-G.
9	SC	UFFS	Programa de Promoção à Saúde do Estudante (PPSE)	<ul style="list-style-type: none"> - Perspectiva da educação para os direitos, em específico para o direito à saúde, visando o acesso ao Cartão Nacional de Saúde e às unidades de atendimento, bem como às noções básicas relativas ao Sistema Único de Saúde. - Promoção e prevenção que atendam a saúde na sua concepção de completo bem-estar físico, mental. - Promoção e prevenção que atendam demandas relacionadas à saúde no conjunto das relações sociais vividas e estabelecidas no cotidiano do espaço universitário, bem como às parcerias estabelecidas entre a Universidade e a comunidade. - Orientação e auxílio para encaminhamento aos serviços oferecidos no âmbito da UFFS e na abrangência da comunidade universitária, principalmente nas áreas de saúde e assistência social; - Acolhimento e acompanhamento social e psicológico aos estudantes pelas equipes dos SAEs.
10	SC	UFFS	Programa de Acompanhamento Pedagógico e/ou Psicossocial (PAPP)	<ul style="list-style-type: none"> - Suporte pedagógico e psicossocial aos estudantes dos cursos de graduação que apresentem dificuldades de aprendizagem.

11	SC	UFSC	AcolheUFSC	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção Psicossocial: são serviços que buscam escutar, conhecer e intervir nas realidades trazidas pelos sujeitos, sobretudo, em situações de sofrimento psíquico. - Acompanhamento Pedagógico: atividades de apoio e orientação pedagógica nas seguintes áreas: Pré-Cálculo, Cálculo, Geometria Analítica, Estatística, Informática, Leitura e Produção Textual, Biologia, Bioquímica, Física e Química, além de Orientação Pedagógica. - Rodas de Conversas Temáticas: são atividades grupais com o objetivo de promover a partilha e a escuta em torno de diversos temas; - Projetos: projetos de extensão, pesquisa e ensino que se aproximam dos cuidados à saúde mental; - Rede de Atenção Psicossocial Municipais: tem o objetivo de apresentar as instâncias municipais de atenção psicossocial de cada município onde se encontra um Campus da UFSC; - Serviço Social de Assistência Estudantil: realiza acompanhamento, cadastro PRAE, auxílios e bolsas: isenção do restaurante universitário (RU), bolsa estudantil, auxílio moradia, auxílio creche, auxílio aluguel; - Materiais de apoio: tem o objetivo de disponibilizar materiais de apoio que abarcam a saúde mental.
12	PR	UNILA	PRAE - Seção de Psicologia (Sepsico) do Departamento de Apoio ao Estudante	<ul style="list-style-type: none"> - atendimentos individuais. - Participação em coletivos, comissões, análises de regimentos institucionais, projetos de extensão, promoção de rodas de conversa, organização de oficinas e realização de eventos.
13	PR	UFPR	Acolhimento Psicológico - PRAE	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento: momento de escuta qualificada do(s)/a(s) estudante(s). Os/as psicólogos/as do serviço realizam acolhimento por demanda espontânea e/ou através de encaminhamentos das coordenações de curso, Programas de Orientação Acadêmica e/ou qualquer outro encaminhamento da comunidade universitária. - Rodas de conversa: São espaços coletivos nos quais são discutidas questões levantadas pelas/os estudantes como pertinentes e que produzam impacto em suas vidas e em seus processos de formação universitária. Nesse espaço, o papel da/o psicóloga/o é facilitar as discussões, auxiliando na construção de novos sentidos/interpretações e estratégias de enfrentamento. - Oficinas: É uma metodologia de trabalho que consiste em ações sistematizadas e coletivas que tem por foco a interação e troca de saberes entre estudantes a respeito de questões relacionadas à vida acadêmica.
14	PR	UTFPR	Núcleo de Acompanhamento Psicopedagógico e Assistência Estudantil (NUAPE)	<ul style="list-style-type: none"> - Psicologia: Acolhimento, Avaliação da demanda, Auxílio na adaptação acadêmica, Atendimento a Alunos com dificuldade de concentração/atenção, Orientação profissional, Atendimento/orientação a pais de alunos, no caso dos cursos técnicos de nível médio. - Acompanhamento acadêmico de alunos em tratamento clínico/psiquiátrico.

Fonte: elaborado pelos autores a partir da síntese da pesquisa nos sites institucionais

Antes de prosseguirmos com a discussão, cabe destacar que encontramos dificuldades de escolher os critérios para definir os programas e/ou serviços, já que foram colocados conforme eles iam se apresentando. A falta de informações em alguns sites ou informações espalhadas sem nexo acabaram dificultando esta separação. Em função dessas informações difusas e muitas vezes desconstruídas nos

sites institucionais pode ser que tenhamos desconsiderado outros programas que dão suporte à saúde mental nas universidades federais da região sul do país.

Conforme apresentado na tabela podemos perceber dois pontos importantes sobre os serviços ofertados. O primeiro é que a grande maioria dos serviços é pensado para um atendimento direto para certos grupos específicos de discentes, como aqueles/as que apresentam dificuldades de aprendizagem e adaptação e/ou beneficiários da PNAES. O segundo ponto é que o olhar do cuidado em saúde mental está significativamente centrado em questões cognitivas relacionadas ao desempenho acadêmico e/ou a possíveis adoecimentos dentro desse meio, ou seja, o olhar para a saúde mental de alguma forma está regrado somente para atuar quando existe algum problema, numa perspectiva biomédica e pautada pela atuação quase exclusiva da psicologia e da psiquiatria, em detrimento de ações de caráter preventivo e de promoção de saúde. Há a necessidade de criar espaços de promoção onde sejam consideradas o ensinamento de estratégias para lidar com as mudanças que acontecem, tanto fora como dentro do meio acadêmico. Macedo (2011) contribui com essa discussão ao refletir sobre:

(...) como o universitário perdeu aquilo que antes constituía um sentido de sua vida: adentrar a academia e alçar voos na carreira profissional? Transformado pela cultura da alta performance, diante das diversas ocupações com as quais se depara, esse sujeito termina dispersando-se do cuidado essencial à vida humana. Atropelado que está pela cadência de um tempo cronológico pautado em metas e alcance de objetivos, ele bloquearia suas possibilidades de ser. (MACEDO, 2011, p.271).

Não é possível pensar no cuidado da saúde mental discente somente quando começam a aparecer sinais de um adoecimento e sim pensar em estratégias para evitar que isto aconteça e, para isso, é importante pensarmos na composição da equipe que dá o suporte ao estudante, pois não podemos restringir ao psicólogo o papel de único responsável pelo cuidado e promoção de saúde mental. A saúde mental é influenciada por diversos fatores, como condições socioeconômicas, culturais, ambientais e biológicas. Portanto, a abordagem multidisciplinar ajuda na integração de saberes de diferentes áreas para fornecer uma assistência integral à saúde mental dos estudantes universitários. Conforme apontado por Sampaio (2010), “é preciso ampliar o foco da ação dos psicólogos no ensino superior, para que eles não privilegiem apenas questões de ordem cognitiva, relacionadas ao desempenho acadêmico dessa população” (p.100), incluindo ações e “[...] estratégias preventivas frente às constantes e rápidas mudanças tecnológicas e sociais que estão a exigir da ciência, e especialmente da Psicologia, respostas para a solução dos problemas gerados por estas transformações” (SERPA; SANTOS, 2001, p. 29).

Entre os dados encontrados das equipes que compõem os serviços, somente em 5 de 14 programas tinham informações completas sobre elas e, conforme as informações apresentadas na Tabela 1, nas ações de apoio à saúde mental, podemos perceber que os serviços que mais aparecem são de acolhimento, orientação individual, encaminhamentos externos, grupos e oficinas. Sem uma definição explícita sobre as equipes e fazendo a suposição que há pelo menos um psicólogo na equipe; e avaliando os serviços, fica evidente que o trabalho do psicólogo está centrado em questões individuais do estudante.

O psicólogo escolar precisa ir além desta concepção, como colocado por Bisinoto et. al (2011. p.46) como uma atuação tradicional baseada numa “intervenção clássica, voltada à orientação e ao atendimento de questões individuais, localizadas no próprio estudante”. As mesmas autoras apontam que o trabalho do psicólogo escolar no Ensino Superior deveria ter dois focos:

O da avaliação, com o objetivo de obter informações sobre aspectos institucionais e docentes que precisam ser modificados; e o da promoção da prática docente por meio do planejamento e desenvolvimento de metodologias diferenciadas. O psicólogo escolar neste nível educativo deveria, então, avaliar as práticas educativas, a satisfação e a aprendizagem dos alunos para sugerir programas inovadores de ensino, auxiliar os professores a melhorarem suas habilidades profissionais e favorecer o aprendizado dos alunos. (BISINOTO et. al. 2011. p.46).

Com esta visão mais ampliada sobre as práticas dos psicólogos escolares há a possibilidade de alcançar, de uma forma indireta, mais estudantes, pois todos merecem essa atenção e cuidado. O psicólogo escolar também pode contribuir não somente para uma prevenção do adoecimento mental no meio acadêmico, como também um cuidado e olhar mais integrado à saúde dos estudantes para que assim os acompanhe para além das questões adaptativas da vida acadêmica. Há estudos que mostram e propõem diferentes formas de contribuição do psicólogo escolar no ensino superior (BISINOTO, 2011; SAMPAIO, 2010; DIAS et. al., 2014), sinalizando um avanço teórico e prático no campo da Psicologia e de uma visão crítica e preventiva diante da atuação nas instituições educacionais.

Desse modo, compreende-se que o psicólogo escolar não deve se ater ao trabalho no eixo de saúde-doença. A criação de espaços onde as vivências acadêmicas possam ser ditas e escutadas são intervenções que podem abarcar uma perspectiva social, institucional, individual ou grupal. (MARTINS, 2003). Martins (2003) refere que a escuta “possibilita ao psicólogo criar situações coletivas, espaços de construção de conhecimentos sobre si mesmo [...] de tal forma que os problemas vividos sejam amplamente discutidos e a busca de soluções para os mesmos, compartilhada” (pp. 44-45). Nesse sentido, a escuta, embora não se pretenda psicoterapêutica, na universidade tem o intuito de expor as situações e as relações que a apoiam, incidindo também nos atravessamentos institucionais da produção de saúde, doença, trabalho e vida.

Por fim, destacamos ainda a noção de apoio pedagógico, psicológico e psicopedagógico que é ofertado por quase todos os programas institucionais analisados nessa pesquisa. Segundo Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) e Gonçalves (2012), a saúde mental do estudante universitário começou a ser discutida nos Estados Unidos e na Inglaterra, há mais de 60 anos. Da Silva, da Rosa e Romanini (2017) resgatam um pouco dessa história ao colocarem a noção de apoio acadêmico em análise:

Consta que estes países foram os pioneiros na criação dos serviços de aconselhamento universitário, devido, principalmente, ao grande aumento da população acadêmica e a preocupação da saúde e bem-estar desse público. Naquela época, passou-se a

reconhecer que o estudante que ingressa em uma universidade, vivencia um momento de fragilidade, e que frequentando essa instituição, torna-se responsável pela mesma o cuidado e a ajuda ao estudante (p.12).

Em 1957, no Brasil, foi criado o primeiro Serviço de Higiene Mental e Psicologia Clínica na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, junto à disciplina de Clínica Psiquiátrica. Esse serviço propiciava aos estudantes universitários, em um primeiro momento aos de Medicina, assistência psicológica e psiquiátrica para os mesmos. “Na década de 60, foram várias as instituições que implantaram Serviços de Saúde Mental, entre elas a Escola Paulista de Medicina, em São Paulo, as universidades federais do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro”. (CERCHIARI; CAETANO; FECCENDA, 2005).

Desse modo, Teixeira, Castro e Piccolo (2007, p. 212) explicam que:

Conhecer melhor a realidade vivida por estes jovens pode auxiliar os gestores em educação a identificar fatores associados não apenas à evasão escolar, mas também a outros aspectos do desenvolvimento psicossocial dos estudantes. Este conhecimento, por sua vez, pode ser usado como referência para a implementação de programas no âmbito universitário que visem à facilitação da integração do estudante à vida acadêmica e à otimização do seu bem-estar psicológico.

Tais conhecimentos, conforme da Silva, da Rosa e Romanini (2017) “permitem que se implantem programas que visem à atenção ao estudante em sua vida acadêmica e o cuidado ao seu bem-estar psicológico” (p. 13). Panúncio-Pinto e Colares (2015, p. 274) ressaltam que “os serviços de apoio possuem importância indispensável na função de auxiliar a instituição, mais especificamente, os setores ligados ao ensino de graduação, proporcionando ao estudante a atenção necessária na trajetória acadêmica”. Durante este período, os alunos podem recorrer a esses serviços, que possuem como característica apoiar seu desenvolvimento, oferecendo acolhimento em um espaço de reflexão referente às etapas da formação.

Para Panúncio-Pinto e Colares (2015), as universidades, diante da necessidade de se reorganizar e se ressignificar, vêm buscando outras formas de organização em relação aos seus métodos, práticas, objetivos e currículos. Neste sentido, as instituições estão cada vez mais preocupadas em assumir o compromisso com a formação integral do estudante, isto envolve estar atento além do processo de ensino-aprendizagem. Desde o seu ingresso, o jovem universitário pode passar por períodos de vulnerabilidade (relacionado tanto a termos cognitivos quanto emocionais), tendo que buscar respostas adequadas a várias problemáticas do seu cotidiano.

Considerações Finais

Conforme apresentado ao longo deste manuscrito há uma necessidade urgente de olharmos para a saúde mental discente. A passagem pelo ensino superior é um período desafiador e pode ser estressante, onde existem diferentes pressões tanto acadêmicas como sociais e pessoais que acabam afetando a saúde

mental dos/as estudantes, trazendo impactos prejudiciais em diferentes aspectos da vida, tanto dentro como fora do meio acadêmico. Para aproximarmos e conhecermos o tipo de suporte que as instituições de ensino superior oferecem aos estudantes em relação à saúde mental foi realizado este estudo, com base nas informações disponibilizadas nos sites institucionais das 11 universidades selecionadas da região sul do Brasil, com o intuito de identificar a existência de programas e/ou projetos dentro da universidade que sejam em prol da saúde mental discente, discutir e problematizar as informações encontradas e em conjunto avaliar a facilidade de acesso às informações.

Dentre as informações encontradas, conseguimos identificar que existe uma dificuldade ao procurar por estes programas e/ou serviços, não somente por estarem espalhados em diferentes links dentro do site institucional, mas também pela falta de informações completas sobre os diferentes serviços encontrados, informações essenciais como a equipe que compõe o setor, dentre outras. Vale ressaltar que das 11 instituições estudadas somente uma, a UFSC, tem na sua página inicial um link direto que leva para informações importantes sobre o cuidado em saúde mental discente, sendo também a única que possui uma página específica do setor. Atentamos a esta nomeação pela importância das duas variáveis, link direto no site inicial e página própria do setor, pois permite agilidade e facilidade de encontrar as informações. Os dados construídos evidenciam que, embora existam serviços para o cuidado da saúde mental discente, são ainda para grupos específicos de estudantes, não contemplando o público na sua totalidade. Os tipos de serviços entre as instituições são semelhantes, mas é necessário ir além do acolhimento psicológico ou suporte psicopedagógico (serviços presentes na maioria das universidades), existe a necessidade de ampliar o papel do/a psicólogo/a escolar no ensino superior, não limitando o trabalho à perspectiva biomédica e individualizante, e sim um trabalho aliado com outros saberes, não somente com a área da saúde, para que o trabalho em conjunto alcance outros grupos que ainda não estão sendo contemplados.

Durante o estudo percebemos certas limitações que podem ter deixado alguns programas e/ou projetos de fora da pesquisa por causa da falta de centralização das informações, dificultando o acesso a elas. Também percebemos que, ao escolhermos somente programas institucionais e universidades federais com foco no ensino superior da região sul do país, limitamos a quantidade de propostas para suporte à saúde mental discente, por exemplo, não incluindo serviços vinculados a programas de extensão. No entanto, trazendo o recorte estudado percebemos vários desafios a serem pensados, outros estudos complementares em outras regiões do Brasil podem ser necessários para repensarmos as práticas sobre saúde mental discente. Esperamos que esta pesquisa sirva de pontapé inicial para outros pesquisadores se aliarem e poderem ampliar e aprofundar este tema que já passou do tempo de não olharmos para ele com a devida importância.

Contudo, percebe-se que, mesmo existindo estudos sobre as diferentes dificuldades que o estudante universitário enfrenta ao longo da vida acadêmica e como isso afeta e impacta sua saúde mental de forma negativa, ainda há uma forte tendência a não considerar essa população como de risco, onde as

intervenções estão focadas no tratamento da dificuldade e/ou problema e não na necessidade de pensar em medidas, não somente preventivas, mas também de promoção dentro do meio acadêmico num diálogo multidisciplinar, ampliando os campos de atuação do/a psicólogo/a escolar para outras áreas dentro da universidade. O desafio é pensar e criar espaços de promoção de saúde mental universitária, refletir sobre a facilidade e propagação de acesso a tais informações e a disposição institucional de investimento nos serviços necessários como na formação continuada dos profissionais envolvidos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leandro; SOARES, Ana. **Os estudantes universitários: Sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES**, 2018. Disponível em: <<https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2022.
- BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. **Qualidade de vida em 5 passos**. São Paulo, Dicas em saúde, 2013.
- BISINOTO, Cynthia; MARINHO, Claisy; ALMEIDA, Leandro. **A atuação da psicologia escolar na educação superior: algumas reflexões**. Revista Portuguesa de Pedagogia, v. 45, n. 1, p. 39-55, 2011.
- CARNEIRO, Virginia; SOARES, Monalisa. Promovendo a afiliação estudantil através de um grupo de apoio acadêmico. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, p.19484–19502, 2019. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/3812>>. Acesso em: 23 out. 2022.
- CASTRO, Tathyan; JARDIM, Marília; RODRIGUES, Carla. **Sintomatologia Depressiva, Estresse e Ansiedade em Universitários**. São Paulo: Psico-USF, 2020.
- CERCHIARI, Edneia; CAETANO, Dorgival; FACCENDA, Odival. **Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública**. Brasília: Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 25, n. 2, p. 252-265, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/T9hPBsm9XbWKxKBfTsdRjGv/?lang=pt>>. Acesso em: 25 out. 2022.
- DA SILVA, Cristiane; DA ROSA, Patrícia; ROMANINI, Moises. **A noção de Apoio Acadêmico em análise: reflexões a partir da interface entre Psicologia Escolar e Ensino Superior**. In: Anais da Jornada de Pesquisa em Psicologia, UNISC, 2017. Disponível em: https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornada_psicologia/article/view/17643. Acesso em: 31 out. 2023.
- DIAS, Ana; PATIAS, Naiana; ABAID, Josiane. **Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões**. Psicologia Escolar e Educacional, 2014.

GONÇALVES, Isabel Cristina. A psicologia no ensino superior: intervenções clínicas e não clínicas. In: **Apoio Psicológico no Ensino Superior**, II Congresso Nacional RESAPES – AP, 2012.

LACERDA, Ana. **Indícios de estresse, ansiedade e depressão em estudantes universitários**. Monografia de Prática e Pesquisa II. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Brasília: 2015.

MACÊDO, Shirley. Sofrimento Psíquico e Cuidado Com Universitários: Reflexões e intervenções fenomenológicas. **ECOS Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Ano 8, volume 2, p. 265–277, 2018. Disponível em: <<http://periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844>>. Acesso em: 04 nov. 2022.

MARTINS, Amanda. **A importância da afetividade na relação professor-aluno**: uma análise a partir da percepção dos docentes do curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2017.

MARTINCOWSKI, Terezinha. **A inserção do aluno iniciante de graduação no universo autorial**: A leitura interpretativa e a formação de arquivos. São Carlos: Cadernos da Pedagogia, 2013.

MARTINS, João. **A Atuação do Psicólogo Escolar**: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. Maringá: Psicologia em Estudo, Maringá, v.8, n.2, p.39-45, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/csF5QYj5QWmBgMpDF4Kz8dx/?lang=pt>>. Acesso em: 05 nov. 2022.

MERCADO, Luis. **Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual**. Psicologia em Revista, 18(3), 464-480, 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24276>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula; COLARES, Maria de Fátima Aveiro. **O estudante universitário: os desafios de uma educação integral**. Revista de medicina, 2015, p. 273 – 281. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/104320/102968>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

PERETTA, Anabela; OLIVEIRA, Ítalo; LIMA, Luana, P-L. **Coulon**. Uberlândia: Psicologia Escolar e Educacional, v. 23, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/wtZZWTQbM488MYZ9HM7nQdp>>. Acesso em: 17 nov. 2022.

PERETTA, Anabela; OLIVEIRA, Ítalo; LIMA, Luana. **Roda de conversa sobre evasão: a psicologia escolar no ensino superior**. Uberlândia: Psicologia Escolar e Educacional, v. 23, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/wtZZWTQbM488MYZ9HM7nQdp>>. Acesso em: 17 nov. 2022.

ROMANINI, Moises. **As máscaras e a precariedade subjetiva: efeitos da pandemia na vida de estudantes universitários**. Porto Alegre: **Revista da Psicologia da UNESP**, 20 (1), 2021. Disponível em: <<https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/345/348>>. Acesso em: 23 nov. 2022

ROMANINI, Moises. **“E agora, o que eu faço?”**: reflexões sobre os efeitos da pandemia na vida e saúde mental de estudantes universitárias/os em início, meio e final do curso. Porto Alegre: **Revista interdisciplinar de promoção de saúde.**, vol.4, n.2, pp. 85-92, 2021. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/ripsunisc/article/view/16914>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

SEIDL, Eliane; ZANNON, Célia. **Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos**. Brasília, **Cadernos de Saúde Pública.**, vol.20, n.2, pp.580-588, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/NR7QD9Q4D3N7DmHg7ms79fG/?lang=pt#>>. Acesso em: 02 dez. 2022.

SERPA, Maria; SANTOS, Acácia. **Atuação no ensino superior**: um novo campo para o psicólogo escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, vol.5, n.1, pp.27-35, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/6dN3Yrkrd4r8pcsPzCRW9Hn/?lang=pt>>. Acesso em: 07 dez. 2022.

SILVA, Fabricio; COSTA, Luana; ALMEIDA, Débora; PREARO, Leandro. **Atendimento aos estudantes com necessidades educacionais específicas em universidades e institutos federais do Nordeste**: Análise dos sites institucionais. São Caetano do Sul: Regae - **Revista de Gestão e Avaliação Educacional**, vol. 9, núm. 18, pp. 1-13, 2020.

TEIXEIRA, Marco; CASTRO, Graciele; PICCOLO, Luciane. **Adaptação à universidade em estudantes universitários**: um estudo correlacional. Curitiba: **Interação em Psicologia**, vol.11, n.2, pp.211-220, dez. 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/viewArticle/7466>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

*Recebido em: 15 de junho de 2023.
Aprovado em: 31 de outubro de 2023.*